

O cavalo branco que não é de Napoleão

Quem diz *Falésia*, diz precipício. Por outras palavras, uma atracção pelo vazio. Quase se poderia dizer que com esta criação os Baro d'evol voltam a demonstrar que o perigo é a sua profissão. Um perigo que, obviamente, não espregueja por detrás das proezas técnicas destes *performers* experientes, mas que advém do facto de o colectivo afrontar zonas de fronteira, de um certo limbo que interpela a nossa psique. Assistimos no palco a um começo ou a um fim? Que força leva aquela gente a quebrar as barreiras da falésia? As palavras que são ditas aqui e ali libertam ou oprimem? Estamos na base da parede ou no topo do Mundo? Será que a vida morre, ou que renasce? Como sai viva daquele escadote num equilíbrio tão instável a bailarina e acrobata? Que anjo felpudo é aquele a ser agredido por um microfone? Que gracioso cavalo branco é aquele, que hesita quando instado a coordenar os movimentos das

patas anteriores com as posteriores? E os 14 pombos, que fazem eles ali? Ajudam, pelo menos, a compor a verticalidade da cena, numa composição na penumbra que remete para alguns quadros de *El Greco*. Num *looping* que tem algo de inebriante, os intérpretes caem e erguem-se sempre com a mesma clareza, com a mesma inocência, com a mesma insistência.

Para a publicação *La grande parade*, esta *Falésia* “tem aquela magia das correntes de ar que arrastam humores contrastantes, abrem e fecham portas, e deixam o público com aquela sensação jubilatória de partilhar um significado secreto”. Cruzando o teatro físico, a dança e a música, numa mistura que por uma questão de arrumação definimos como *novo circo*, este espectáculo surge no seguimento da anterior criação da *troupe – Lá –*, mas não se trata propriamente da sua continuação, mas sim o seu inverso. Saindo do chapitô para se apresentarem



“Toda a gente devia ver este espectáculo: é universal”, in *Les trois coups*

nos palcos dos mais prestigiados palcos do Mundo, os Baro d'evol reivindicam para si próprios a definição de uma arte total. Plasticamente inebriante, o preto não é totalmente preto e o branco não é completamente branco, resultando numa espécie de *yin e yang* es-

cangalhado, remetendo-nos aqui e ali para o cinema etéreo de Béla Tarr, Andrei Tarkovski ou Wim Wenders.

O diário francês *Libération* considerou os Baro d'evol “uma das companhias mais viciantes da cena contemporânea francesa”.

Malhas que tecem histórias

Ontem à tarde Emília Costa, a moderadora do Colóquio na Esplanada, começou por apresentar Dorothee Munyaneza como uma artista multifacetada e da diáspora, nascida no Ruanda, país que abandonou ainda criança para passar a viver primeiro em Inglaterra, onde se naturalizou, e posteriormente em França. Munyaneza tornou-se conhecida internacionalmente a partir do ano 2000, graças aos seus diversos projectos musicais e coreográficos. Formou-se em Inglaterra em Ciências Sociais e em Música, mas foi em França que veio a alcançar notoriedade como compositora, intérprete, autora, coreógrafa e *performer*, tendo fundado em 2013 a sua *Compagnie Kadidi*.

Dorothee Munyaneza começou

por esclarecer um detalhe: não abandonou o Ruanda por causa do genocídio, mas sim porque a sua mãe passou a trabalhar em Londres a partir de 1993. O genocídio foi em 1994. A sua forma de criar inicia-se muitas vezes com residências artísticas, partindo frequentemente da improvisação. “Este trabalho foi complicado, porque foi durante a pandemia que nos reunimos”. “Não pudemos ensaiar juntos durante o período previsto”. Enviou, então, o texto às outras cinco intérpretes e começou por fazer perguntas. “Faço sempre as mesmas perguntas, que têm que ver com a beleza, a feminilidade, a relação com os nossos antepassados, as histórias íntimas, a violência, e ao mesmo tempo a resiliência, a beleza e a

coragem dessas mulheres. No fundo, tratam-se de perguntas que são comuns a todas nós enquanto comunidade de mulheres africanas e afrodescendentes, e também de outros mundos. Foi a partir do espaço íntimo que comecei a tecer essa simbiose, essa harmonia”. Foi a partir dessas histórias concretas, e que podiam ser partilhadas, que o trabalho teve início. A criadora reuniu essas histórias, que deram origem a textos, que começaram a tricotar até chegar a uma história comum. “É por isso que o espectáculo se chama *Malhas*: fomos à procura das nossas raízes”.

Sobre os figurinos — da autoria de Stéphanie Coudert, com quem colabora regularmente —, Munyaneza explicou que “são segundas peles, como as das serpentes que



Emília Costa e Dorothee Munyaneza

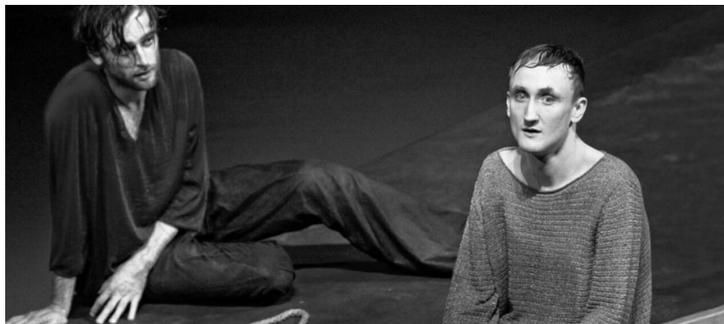
vão deixando escamas para trás: as mulheres que vocês viram em cena representam já o futuro. Realizámos uma travessia e já estamos no futuro. Esta é uma peça sobre a capacidade de nos levantarmos”.

MEU FESTIVAL

0 mar da vida

Ao ler a folha de sala relativa a este espectáculo, retive uma frase do autor: "Não sei de onde me vêm as palavras. Tudo o que posso comprovar é que as escrevi. Mas não consigo explicar de onde emanam. Identifiquei-me com ela. Acontece-me com frequência, pasmar perante o que escrevo". Esta identificação perpetuou-se durante o espectáculo, de onde saí muito emocionada.

O espaço agreste, o corpo inerte de um jovem, a atitude protectora de um outro e o silêncio pesado fizeram prever o drama e, acima de tudo, a ligação afectiva problemáti-



I Am the Wind, de Jon Fosse, encenação de Patrice Chéreau, no Festival de 2011

ca. Seguiu-se a explicação. O texto, parco, é entrecortado por hesitações, pausas, palavras não ditas mas adivinhadas. As personagens criam-se pelo questionar constante das emoções e são elas que lhes dão corpo. Percebe-se que o gosto pelo silêncio fala de morte e que o ruído das ondas agigantam o

medo e, simultaneamente, aumentam o fascínio pelo desconhecido e pela solidão. Sente-se o medo da solidão diluir-se pela presença do outro, do companheiro, do que questiona e que, ao questionar, completa e revela palavras e emoções. Este vaivém de sentimentos contraditórios materializa-se no

movimento do barco, que ora sobe ao cimo das ondas, ora afunda nas águas e nas hesitações.

Estamos perante dois seres que enfrentam o mar da vida: um tenta alcançar um porto seguro com horizonte bem definido, o outro é atraído pela turbulência, pela imensidão do azul que tanto pode ser água como céu. Um teme o peso das águas do oceano, a infinitude do horizonte e a força arrebatadora do vento. O outro dissolve-se no silêncio das profundezas, ganha asas e cola-se ao vento.

Assistimos à repetição contínua das frases de quem combate a morte com esforço, e percebemos que quem livremente opta pela morte o faz em silêncio: finalmente voa. | **Cristina Maria G., 71 anos, professora**

O sentido dos Mestres: dia 3

“Tenho uma profissão que a maioria das pessoas não sabe o que é”, apontou o cenógrafo José Manuel Castanheira (JMC) ontem à tarde, durante mais uma sessão do curso de formação *O sentido dos Mestres*, que decorre na Casa da Cerca até amanhã. “O trabalho de cenografia, o rosto do espectáculo, acaba por ser invisível perante o público, e muitas vezes ignorado por muita gente que o condiciona: políticos, produtores, promotores”, acrescentou.

Foi para ir contra essa circunstância que JMC escreveu há alguns anos o *Manual de sobrevivência de um cenógrafo*: um rotei-

ro pessoal que desfaz equívocos, cheio de ideias, revelações, e que ajudam a entender o seu percurso. JMC desdobrou o livro no ecrã da sala em que decorria a formação e foi revivendo histórias que o marcaram ao longo de cinquenta anos de trabalho. Viajámos pelas suas raízes rurais, no distrito de Castelo Branco, e aportámos a lugares longínquos onde o teatro chega pouco — embora se encontre latente, à espera, na consciência colectiva das populações que só aguardam por quem o traga e lhes revele a sua magia. Uma realidade em contraste com alguns dos espectadores dos grandes centros urbanos, com uma atitude cada vez menos pró-activa e que, segundo JMC, “não querem ser desassossegados, não querem dar opinião, e não gostam de ser provocados”.

Terras do Sul na Esplanada

O espectáculo que a dupla Laida Azkona Goñi e Txalo Toloza-Fernández traz ao Festival estará em discussão amanhã em mais um Colóquio. Desta vez com moderação do crítico teatral e jornalista do jornal *Expresso*, João Carneiro. Os criadores assumem realizar um teatro político e de causas. *Terras do Sul* debruça-se sobre a aniquilação de um território que foi outrora do povo mapuche na região da Patagónia, e que é hoje propriedade de alguns dos grandes grupos económicos globais, que mercantilizaram um santuário natural.

Mais seis concertos até à próxima Segunda-feira

Desde o dia 4 que as músicas do Mundo não têm faltado no palco da Esplanada da Escola D. António da Costa. Só não podemos dizer que têm sido fins de tarde / inícios de noite amenos, porque o calor este ano é de ananases. Amanhã teremos um princípio de noite temperado com o aroma do vinho e do bagaço caseiro que se desprende do “tango canalha e boémio das tabernas dos marinheiros”, que nos é tra-

zido pelo trio La Miseria Deluxe (20h00).

Sábado, o músico Tó Trips, o guitarrista português dos Dead Combo, associa-se a um músico da cena musical independente americana: Thomas Attar (20h30). E como aos Sábados este ano os concertos são em dose dupla, às 23h30 a banda portuguesa *pop/rock* Paus demonstrará por que se apresenta regularmente nos grandes festivais de Verão, como o de

Paredes de Coura ou o Optimus Alive. No Domingo, a música de Cabo Verde, que é uma presença habitual no Festival, regressa, com a actuação de um duo do Mindelo: os Kriol. E na Segunda-feira, dois concertos, a encerrar (às 20h30 e às 24h00), com a eclética Rita Braga. A música e compositora toca *ukulele*, teclas, caixas de ritmo *vin-tage* e um *banjelele*. Festejaremos o último dia deste regresso ao ar livre com uma noite de Festa.

AGENDA DE AMANHÃ

15:00 | O sentido dos mestres
José Manuel Castanheira
Casa da Cerca

17:00 | Lançamento de livros
Castanheira – Cenografia e As asas do inventor
Casa da Cerca

18:00 | Colóquio
Laida Azkona Goñi e Txalo Toloza-Fernández
Escola D. António da Costa

20:00 | Música
La Miseria Deluxe
Escola D. António da Costa

21:00 | Teatro
Falaise
Centro Cultural de Belém

21:30 | Teatro
ödipus
Teatro Municipal Joaquim Benite

RESTAURANTE DA ESPLANADA

HOJE
Carne de vaca c/ molho verde
Sardinhas fritas c/ salada de favas

AMANHÃ
Carne guisada à grega
Bacalhau com natas

